

MARTINS, ANA MARIA / ERNESTINA CARRILHO (eds.) (2016): *Manual de linguística portuguesa*. Berlin / Boston: De Gruyter, 703 pp.

Desde 1996, com uma 2ª edição em 2007, da obra de Isabel Hub Faria *et al.* (orgs.), que não surgira no plano editorial português um manual dedicado à linguística portuguesa. Vieram a lume, todavia, alguns manuais de linguística histórica (como por exemplo, Brocardo 2014) e algumas gramáticas, entre as quais sublinhamos, de forma particular, a recente gramática organizada por Eduardo Paiva Raposo e colaboradores, de que estão disponíveis ao público os dois primeiros volumes, faltando vir a lume o terceiro e último tomo (cf. Raposo *et al.* 2013). Naturalmente que, acerca da linguística do português, muita investigação tem sido feita e publicada (nomeadamente a publicação de teses de mestrado e de doutoramento), sublinhando-se as investigações levadas a cabo por membros do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Faltava, todavia, em nosso entender, um manual especializado, mas simultaneamente aberto ao grande público, que condensasse alguns dos pontos fulcrais da linguística portuguesa e descrevesse, tal como faz esta obra, fenómenos linguísticos caracterizadores da língua portuguesa que, de acordo com o que é referido logo na página 1, combina “abordagens panorâmicas com análises em profundidade de tópicos selecio-

nados”, com grande centralidade, numa perspetiva de linguística comparada.

O público a que se destina este *Manual* não é exclusivamente formado por linguistas, mas abrange, igualmente, outros interessados pela descrição linguística do português, tal como é frisado na p. 3, em que os dados arrolados e tratados devem ser “(...) acessíveis a um público que vá para além do universo dos linguistas (...)”. Esse desiderato, na mira de muitos desde longa data, foi levado a cabo, num âmbito internacional, pela De Gruyter, no volume 16 inserto na coleção *MRL*, por Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho, editoras do *Manual* de que aqui damos conta com o contributo de diversos linguistas, totalizando 27 investigadores.

O *Manual*, redigido na sua totalidade em português, com enfoques teórico-metodológicos diversos e abarcando as mais recentes investigações na área da linguística portuguesa, tem 703 páginas distribuídas em duas partes, em que a Parte 1 é antecedida por uma longa Introdução (pp. 1-39) da autoria de Ana Maria Martins. O livro é constituído, então, por uma Introdução, por uma Parte 1 intitulada *Visões gerais* e, também, por uma Parte 2 consagrada a *Tópicos de sintaxe, semântica e fonologia*, terminando a obra com um índice remissivo fundamental para a imediata utilidade da mesma.

A Introdução da obra inicia-se por um Prólogo, onde são traçadas algumas considerações gerais, posteriormente desenvolvidas, a fim de estabelecer um completo *status quaestionis*, considerando aspetos de diacronia e variação, bem como abrangendo as áreas da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica lexical, da sintaxe e, por fim, do léxico. Esta completa introdução onde é “apresentada uma síntese da evolução da língua portuguesa ao longo do tempo, com referência às implicações da mudança linguística para a variação dialetal dentro do português europeu e aos percursos de afastamento entre o português e outras línguas românicas, bem como entre o português europeu e português brasileiro” (p. 3) termina com uma completa lista de referências bibliográficas (pp. 29-39) que concorre, decisivamente, para uma das principais contribuições desta obra: a elaboração do estado da arte dos estudos de linguística portuguesa consubstanciado, de forma particular, na Parte II, tal como é, igualmente,

aventado na p. 2: “Estes capítulos apresentam o estado da arte relativamente a traços linguísticos (...)”.

A Parte 1, intitulada *Visões gerais*, é composta por 12 capítulos, de temática diferenciada, desde o contacto do português (como ilustram os textos da autoria de Tjerk Hagemeijer e Hugo Cardoso), a questões de variação sociolinguística (cf. o capítulo 4, pp. 98-115), a estudos de natureza prosódica e morfológica (*vide* capítulos 5 e 6, respetivamente), sem deixar de abordar a lexicologia e a sua interligação à linguística computacional como é ilustrado no capítulo 7 ou, ainda, estudos de linguística de *corpus*, no capítulo 9 (pp. 224-251). Sublinhamos, igualmente, o capítulo 8 (pp. 200-223) dedicado à lexicografia, área a que João Paulo Silvestre se vem dedicando. De facto, à exceção deste investigador, de Telmo Verdelho e de Ignacio Vázquez, poucos estudos de lexicografia aparecem na bibliografia linguística do português ou como João Paulo Silvestre afirma: “Na segunda metade do século XX, nos dicionários de língua produzidos em Portugal, explicitou-se muito sumariamente a fundamentação teórica, apenas exposta em prefácios curtos ou breves indicações ao leitor”.

No contexto das mais recentes investigações que se vêm produzindo no âmbito da linguística, o capítulo 10, da autoria de Rita Marquilhas e Iris Hendrickx, é consagrado às novas humanidades, em particular às humanidades digitais na sua relação com os estudos de cariz filológico, que, como referem as autoras na página 253, empreenderão “uma síntese das transformações resultantes da entrada da filologia portuguesa num mundo em que o ambiente mais natural para a circulação do conhecimento é precisamente o ambiente digital”. O estudo desta temática, em Portugal, é precisamente devedor dos robustos e recentes trabalhos empreendidos por Rita Marquilhas, sem esquecer, além-atlântico, o singular contributo da Professora Maria Clara Paixão de Sousa da USP – cf., entre outros, Sousa (2013).

A linguística clínica é abordada no capítulo 11 e, à exceção de outros estudos parcelares neste campo – cf. Afonso (2011), Baptista (2015), Fonseca (2011), Crystal (1981), entre outros – o texto aqui apresentado, da autoria de João Costa, Maria João Freitas e Anabela Gonçalves (pp. 278-307), marca um contributo modelar, uma vez que, tal como afirmam

os autores, “entender o funcionamento das línguas naturais tem como consequência descobrir o seu lugar no organismo, como a linguagem interage com outras componentes internas e externas à cognição” (p. 278).

A semântica e a pragmática são tratadas por Telmo Mória no capítulo 12, descrevendo aspetos semânticos e pragmáticos da gramática do português que comunga de algumas descrições já anteriormente adiantadas em importantes trabalhos como os de Kamp e Reyle (1993), Mória (2011), Oliveira (2013) e Pires (1993), entre outros.

São inegáveis os avanços que a psicolinguística vem tendo no panorama dos estudos linguísticos, terminando, desta feita, a Parte 1 deste *Manual* com um capítulo intitulado *Psicolinguística e ciência cognitiva* da autoria de Armanda Costa (pp. 336-368), sublinhando a autora o facto de apresentar “o contexto de emergência da psicolinguística no âmbito da revolução cognitiva da década de 50” (p. 336).

A Parte II compreende doze capítulos, evidenciando as áreas da sintaxe, da semântica e da fonologia. Assim sendo, os capítulos 14 a 22 dedicam-se, primordialmente, à sintaxe, não deixando, alguns deles, de se centrarem também em questões de aquisição da sintaxe (cf. capítulos 17 e 21); o capítulo 23 remete para o âmbito da semântica e da pragmática (pp. 610-635), afirmando Rui Marques, na conclusão, que este capítulo pretendeu “apresentar as principais linhas de natureza semântica e pragmática que foram exploradas na literatura para a análise do conjuntivo em português” (p. 633); os capítulos 24 e 25 focam-se no domínio da fonologia.

No capítulo 24 (pp. 636-662), João Veloso não deixa de adiantar “a hipótese de a redução do vocalismo átono do português estar, no estágio contemporâneo da história da língua, a sofrer um processo de perda de produtividade, deixando aparentemente de se aplicar a um grande número de neologismos admitidos em português” (p. 636), enquanto, no capítulo 25 (pp. 663-687), Maria João Freitas declara como seu objetivo primeiro “efetuar uma apresentação do funcionamento da unidade fonológica *sílaba* no português europeu padrão” (p. 663).

Dos capítulos da Parte 2 consagrados à sintaxe, ressaltamos o capítulo 15 que faz uma abordagem sintática dos clíticos não apenas

no plano da sincronia, mas também no plano da diacronia. Neste capítulo (pp. 401-430), Ana Maria Martins afirma: “O português dos séculos XIII e XIV não é muito diferente do português contemporâneo no que diz respeito à distribuição da próclise e da ênclise, como mostram os fragmentos de *Crónica Geral de Espanha de 1344 (...)*” (p. 414). A diacronia é, a nosso ver, uma vertente fundamental no plano de descrição das línguas, sendo esta vertente sublinhada por Ana Maria Martins na Introdução e, ainda, neste capítulo, onde a autora, na p. 426, a propósito do fenómeno sintático em análise, refere que não colocou de parte o estudo do “percurso diacrónico inusual e intrigante que se desenha entre o português das primeiras fontes escritas e o português contemporâneo, envolvendo variação, mudança e estabilidade” (p. 426).

Destacamos, ainda, o capítulo 18 (pp. 481-501), pelo estudo sintático interligado com o plano dialetal do português, levado a cabo por Maria Lobo. Diz-nos a autora: “Partindo sobretudo dos dados de um corpus de transcrições da fala espontânea de falantes de diferentes regiões de Portugal continental e insular (CORDIAL-SIN), mas também de registos dispersos de gerúndio flexionado encontrados em diferentes trabalhos, descreveremos a distribuição geográfica do gerúndio flexionado no português (secção 2), a sua distribuição sintática comparativa à do gerúndio simples (secção 3), as propriedades que têm as gerúndivas flexionadas e o papel que desempenha a morfologia de pessoa (secção 4)” (p. 482).

Não poderíamos deixar de realçar a importância atual dos estudos sintáticos e da aquisição da sintaxe que, de forma completa e detalhada, aparecem neste *Manual*, exemplificada no capítulo 17 (pp. 453-480), em que as autoras, Inês Duarte, Ana Lúcia Santos e Anabela Gonçalves, se ocuparam “das propriedades do infinitivo flexionado na gramática adulta do português padrão e na aquisição do português como L1” (p. 477). Destacamos apenas, a título meramente ilustrativo, alguns trabalhos que têm vindo a ser feitos no âmbito da própria aquisição da sintaxe, como Magalhães (2006), Santos (2006), Santos, Gonçalves e Hymes (2015), entre outros.

Como o leitor, certamente, compreenderá, numa recensão não cabe uma análise exaustiva da obra, mas a apresentação sumária da

mesma. Sublinhamos, à guisa de conclusão, a importância e a pertinência que um volume desta natureza corporiza, não se podendo obliterar a diversidade de recortes metodológicos e temáticas linguísticas aqui equacionadas. Estamos certos de que o objetivo lançado, no início, de que esta obra não fique confinada apenas a linguistas virá a ser alcançado, dada a forma clara, proba e científica, com que os diferentes conteúdos, em todos os capítulos, são tratados. Naturalmente que este *Manual* é de leitura e de uso obrigatórios para todos os que estudam a linguística do português, tanto num plano nacional como internacional, mas funcionará também como útil leitura para todos os falantes minimamente interessados num aprofundamento da descrição e interpretação da língua portuguesa como língua natural.

Referências bibliográficas

- Afonso, Alexandra (2011): *Análise de itens sintáticos em provas de avaliação da linguagem. Relevância para identificação de perturbação específica do desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal. Dissertação de mestrado.
- Baptista, Ana Catarina (2015): *O desenvolvimento fonológico de crianças com otites médias serosas*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento.
- Brocardo, Maria Teresa (2014): *Tópicos de história da língua portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- Crystal, David (1981): *Clinical linguistics*. Vienna: Springer.
- Faria, Isabel Hub et al. (eds.) (1996/2007²): *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Fonseca, Ana Rita (2011): *Produção e compreensão de frases relativas por crianças com perturbação específica do desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal. Dissertação de mestrado.
- Kamp, Hans / Uwe Reyle (1993): *From discourse to logic – Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Magalhães, Telma (2006): *O Sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de doutoramento.
- Móia, Telmo (2011): “Aspectos pragmáticos da interpretação da informação temporal”, em Maria Auxiliadora Lima / Francisco Alves Filho / Catarina Mendes da Costa (orgs.), *Colóquios linguísticos e literários: Enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos*. Teresina: EDUFPI, 153-174.
- Oliveira, Fátima (2013): “Tempo verbal” em Eduardo B. Paiva Raposo et al. (orgs.), *Gramática do português*, vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 509-553.
- Peres, João Andrade (1993): *Towards an integrated view of the expression of time in Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Raposo, Eduardo B. Paiva et al. (orgs.) (2013): *Gramática do português*, 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, Ana Lúcia (2006): *Minimal answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento (publicada, em 2009, Amsterdam / Philadelphia: Benjamins).
- Santos, Ana Lúcia / Anabela Gonçalves / Nina Hymes (2015): “Aspects of the acquisition of control and ECM-type verbs in European Portuguese”, *Language acquisition* 22, 1-35.
- Sousa, Maria Clara Paixão de (2013): “Texto digital: uma perspectiva material”, *Revista da ANPOLL* 35, 17-60.

Paulo Osório